



Estratégias de livrarias baianas para encarar o presente e a campanha nas redes para combater projeto de taxaço do governo federal

# EM DEFESA DOS LIVROS

MARIA CLARA ANDRADE

Com a pandemia, o mercado de livrarias brasileiro, que já vinha sofrendo constantes crises, levou mais um susto. O fechamento de todo o comércio em grande parte do país fez o sonho de recuperação do mercado parecer ainda mais distante.

Mas, ao contrário do que se imaginava, depois do baque inicial surgiram boas-novas. A divulgação de resultados positivos nas vendas de livros após os primeiros meses de fechamento do comércio gerou um sopro de alívio. Não é que a tempestade já tenha passado com a reabertura de alguns espaços, mas, com novas formas de atuação, as livrarias têm se mostrado resilientes.

Segundo o Painel do Varejo de Livros no Brasil, levantamento realizado pelo Sindicato Nacional de Editoras de Livros em parceria com a Nielsen, a comparação entre o período que vai de 15 de junho a 12 de julho de 2020 com o mesmo período do ano passado, houve um aumento de 4,44% em valor arrecadado com as vendas de livros. No entanto, o crescimento em volume foi de tímido 0,64%. Ainda assim, entre os dois anos, as vendas em 2020 continuam abaixo do registrado até o mesmo período em 2019.

Na Bahia, as livrarias locais estão acompanhando as mudanças. O meio digital tornou-se a principal forma de venda durante o fechamento das lojas físicas e, para alguns, até depois disso.

O Porto dos Livros, sebo aberto há mais de 10 anos, agora dá adeus definitivamente ao Porto da Barra para atracar no espaço virtual. “A partir de abril, o número de vendas

online cresceu bastante, foi mais ou menos em torno de 30%, por aí. Esse foi um dos motivos que a gente decidiu por manter só o online, porque é um custo muito grande manter uma loja, principalmente fechada”, explica Carla Urbanetto, sócia-diretora do negócio.

Além de funcionar como sebo, o espaço era local de eventos culturais, como o já conhecido Sarau do Porto dos Livros. O sarau não ficou de fora dessa remodelação, assumindo o espaço online, uma vez ao mês, pela ferramenta de lives no Instagram.

**Boto**

Bem perto de onde se localizava o Porto dos Livros, estava uma outra livraria local, a Boto Cor de Rosa. Diferentemente do sebo, a Boto — como é chamada carinhosamente pela coordenadora do projeto e escritora Sarah Rebecca Kersley — fechou as portas muito antes de sonharmos que uma pandemia se aproximava. Em 2017, com dois anos de funcionamento, a livraria, especializada em literatura contemporânea, precisou mudar de rumo: passou a atuar apenas em eventos e feiras literárias.

A falta de retorno financeiro tornou inviável que a livraria se mantivesse no local. Mas o projeto permaneceu. Assim como o Porto dos Livros, a Boto Cor de Rosa também era um ponto de encontro entre amantes de literatura.

“Acreditando que o encontro entre escritores, leitores e livros não tem que necessariamente estar atrelada a um espaço físico fixo, fomos nos adaptando enquanto livraria e continuamos a nossa atuação em feiras e eventos, lugares físicos em que nós podemos ter esse encontro”, conta Sarah.

Para Primo Maldonado, diretor

da Livraria LDM, fundada há mais de 28 anos em Salvador, o momento para o mercado de livrarias locais é delicado. Primo não sabe dizer se as lojas físicas sobreviverão aos novos tempos, mas considera que os livros ainda não estão ameaçados de extinção.

“O mercado do livro é muito resiliente e flexível, ele vai conseguir permanecer por muito tempo. O mercado de livrarias físicas como um todo é preocupante, acho que no cenário pós-pandemia ele vai ter mais dificuldade”, afirma.

A LDM possui uma pequena rede de lojas. Pode ser considerada, até agora, uma das poucas livrarias baianas que vingaram, com quatro lojas, sendo uma delas em Vitória da Conquista.

Para se manter em destaque, uma das estratégias adotadas foi buscar por espaços que dialogassem com o mercado cultural, como o Cine Glauber Rocha e o Shopping Paseo, em que a livraria fica ao lado do Cine Sala de Arte.

**Hashtag**

Além das remodelações feitas por conta das crises consequentes que vinham atingindo o mercado de livrarias, surgiu um novo desafio. Há duas semanas, uma nova hashtag apareceu nas redes sociais. Dessa vez em defesa do livro.

Depois que o ministro da Economia, Paulo Guedes, anunciou uma nova proposta de reforma tributária, em que, se aprovada por completo, prevê uma cobrança de

um novo imposto de 12% sobre o valor do livro, a campanha #defendaolivro teve início. Até o momento, o abaixo-assinado virtual contra a proposta de taxaço dos livros contém 1.024.890 assinaturas, sendo a próxima meta atingir 1,5 milhão.

Ainda há muita incerteza quanto aos desdobramentos que irão ocorrer caso a proposta seja aprovada, mas há uma unanimidade: o preço do livro vai aumentar.

“Na proposta de reforma tributária, a isenção de contribuição deixa de existir e, com isso, as vendas de livros no Brasil estarão sujeitas à alíquota prevista de 12%. Consequentemente, o valor das obras para o consumidor final ficaria mais alto, impactando o mercado editorial como um todo e prejudicando ainda mais o acesso ao conhecimento e à cultura”, explica Bárbara Falcón, diretora de livro e leitura na Fundação Pedro Calmon (FPC).

Para Sarah Rebecca, que, além da livraria, abriga o selo editorial Paralelo13S, a proposta é uma “catastrofe”: “Para uma sociedade ser saudável é imprescindível que leia mais. Tudo o que o governo faz para dificultar o acesso aos livros deve ser uma preocupação de todos, não apenas das editoras, das livrarias, mas de todos na sociedade”.

Sarah, assim como Primo, reafirma a necessidade de investimento no mercado de livrarias e editorial por parte do governo. Na Bahia, esse investimento é feito pela Diretoria de Livro e da Leitura, como conta Bárbara Falcón: “A FPC apoia financeiramente a publicação de livros através de editais ou parcerias, sendo que para cada apoio aportado há uma contrapartida de 20% da cota por distribuição nas bibliotecas do estado e doação através de campanhas”.

Raul Spinassé / Ag. A TARDE



Além de um selo editorial, Sarah continua atuando em feiras e eventos

Rafael Martins / Ag. A TARDE

## OUVIR, LER, VER MARCELO REIS

### ARTE SOLIDÁRIA

Quero falar do segundo álbum do multiartista pernambucano Vertin Moura, de 2016. É um trabalho maravilhoso, o segundo disco dele, com melodias muito sedutoras. O nome do disco é *Pássaro só*, e vou destacar duas músicas, mas todas são boas. A primeira é a música que dá nome ao CD, que, para mim, tem uma melodia e uma construção narrativa e de sentidos nas músicas que remetem muito à forma de Raul Seixas, Tom Zé e até Rita Lee, ao ouvir, você sente um pouco essas referências. A mim, me desperta essa memória, pela forma que lida com instrumentos, que conduz a melodia, o canto e a forma que constrói as letras, são como contos. Tanto *Pássaro só*, que fala do tempo, quanto *Ouriço*, que fala do olhar e percepção do espaço, são duas músicas muito envolventes. O problema é que se estiver na estrada pode perder a direção, porque dá vontade de fechar os olhos e viajar na música. Assisti a um show ao vivo no Espanha Bar e comprei o CD.

A minha dica é *O inominável atual*, de Roberto Calasso, escritor italiano, publicado pela Companhia das Letras em fevereiro de 2020 e trata de questões muito atuais, como terrorismo, fundamentalismo, hackers e o universo do turismo. É uma ficção, um mundo que, nas palavras dele, parece ignorar o passado, mas que repete outros períodos da história. Acho que a relevância desse livro é porque traz o que é literalmente inominável e atual, que é nossa fragilidade diante da pandemia e outras circunstâncias que nos colocam nessa mesma tensão e fragilidade, e o texto acaba sendo muito elucidador, abre muito nosso olhar. Ele faz uma análise provocadora deste mundo marcado pela violência e confronto de identidades. É muito interessante o mergulho nesse universo.



Sugiro o site fotosprorio.com. É uma campanha sem fins lucrativos que reúne 470 fotógrafos, 80 curadores unidos na causa de arrecadar fundos para artistas e instituições carentes do Rio de Janeiro e seu entorno. São grandes nomes da fotografia nacional que doam suas fotografias por um preço, e, ao participar, o artista pode optar por doar integralmente o valor de sua obra ou pedir para ser ajudado. Temos muitos artistas que estão passando dificuldades financeiras nessa pandemia. Então, é um projeto que tem esse diferencial, está no ar até 10 outubro pela internet e as pessoas podem comprar e ajudar um projeto beneficente em comunidades carentes, como Rede da Maré, Jongo da Serrinha e Solar Meninos da Luz. A pessoa recebe o material em casa, a foto em papel de museu. Participo como curador da Bahia e também como artista convidado, e temos outros artistas baianos, como Bauer Sá, Arlete Soares e Isabel Gouveia, entre outros, com qualidades inquestionáveis. É oportunidade de ajudar artistas e instituições e construir um pequeno acervo de fotografias.

MARCELO REIS É FOTÓGRAFO E CURADOR